

## Introdução:

Esta pesquisa visa à análise dos precursores intersubjetivos da capacidade de simbolização, a partir de um diálogo entre as perspectivas psicanalítica e da psicologia do desenvolvimento. A função simbólica é o aspecto que distingue o mundo humano do mundo animal. A origem do pensar e de todo funcionamento psíquico está no processo de transformação das impressões sensoriais e emocionais, que dominam o início da vida, em símbolos. Este processo de transformação tem como precursores as experiências intersubjetivas iniciais que permitem a constituição das fronteiras psíquicas sobre as quais se realizará o uso de símbolos. O simbolismo é compreendido como função de um ego diferenciado do ambiente.

A hipótese fundamental consiste em que, no início da vida, há um potencial inato para a intersubjetividade. O processo de desenvolvimento da capacidade de simbolização só pode ocorrer no contexto das relações intersubjetivas iniciais, desde que a dupla mãe (ou quem exerça a função materna) e bebê funcione de forma afetivamente engajada. Desencontros freqüentes ocorridos nas interações sócio-afetivas iniciais acarretam inibições e distorções no uso de símbolos. O acesso ao símbolo representa o processo e o produto, simultaneamente, de uma constituição subjetiva (ou “nascimento psicológico”, ou emergência do senso de “eu subjetivo”) a partir de um contexto intersubjetivo.

O interesse pelo tema teve origem em algumas inquietações vividas na prática clínica com crianças e adultos a partir da observação de “atuações” no *setting* analítico. Alguns pacientes chegam ao consultório portando angústias primitivas e não simbolizadas e parecem lidar com a dor mental e o conflito psíquico

não-reconhecidos de forma concreta e no âmbito do corpo. A escassez dos recursos de simbolização em crianças, por exemplo, frequentemente se apresenta por uma inibição da fala, do brincar ou dos jogos simbólicos e acarretam uma intensificação das atuações e “descargas” motoras. Estas formas de expressão, por serem ineficazes na contenção e elaboração das angústias, geram problemas secundários nas interações pessoais e desempenho cognitivo destes sujeitos.

A partir de S. Freud e E. Jones, procura-se acompanhar o desenvolvimento de uma teoria psicanalítica sobre o simbolismo. Freud afirma, em “A história do movimento psicanalítico” (1914), que o simbolismo foi quase a última coisa do trabalho de interpretação dos sonhos a tornar-se acessível a ele, já que as associações dos pacientes auxiliavam muito pouco na compreensão destes símbolos. Refere-se, neste momento, ao sentido restrito dado ao símbolo, principalmente no contexto da “Interpretação dos sonhos” (1900). Identifica-se, paralelamente, uma concepção mais ampla sobre o simbolismo, na obra freudiana, que se refere à função primordial do aparelho psíquico como função simbólica. A partir dos conceitos de representação de coisa e representação de palavra, representante pulsional e de fantasia inconsciente discutiremos a concepção de símbolo como unidade elementar de todo o funcionamento psíquico.

Jones desenvolve uma teoria sobre o simbolismo, em que destaca o processo de identificação como estando na base da capacidade de simbolização e da exploração do mundo circundante. A partir de alguns pilares desta teoria, Melanie Klein desenvolve suas idéias sobre o desenvolvimento da capacidade de simbolização nas relações de objeto iniciais. Discutiremos o desenvolvimento emocional primitivo na obra de Klein, destacando sua teoria sobre as bases do simbolismo a partir da constituição de um mundo interno e um mundo externo. Hanna Segal desenvolve a partir dos conceitos de posição esquizo-paranóide e depressiva, importantes concepções

sobre os estágios pré-simbólicos, nomeados como equações simbólicas, que antecedem um simbolismo verdadeiro.

O processo de diferenciação entre o eu e o outro é enfatizado como um precursor fundamental da capacidade de simbolização, pois é a pré-condição para o estabelecimento de relações triádicas. A partir da teoria de Ester Bick sobre a função da pele como continente psíquico e da teoria de Frances Tustin sobre as experiências emocionais e sensoriais primitivas, busca-se discutir as implicações destas para a constituição de fronteiras psíquicas. Os conceitos de fenômenos e objetos transicionais, desenvolvidos por D. W. Winnicott, auxiliam na compreensão do processo de transição de um mundo subjetivo para um mundo objetivamente percebido, por parte do bebê. Transição essencial para o estabelecimento de uma distinção entre mundo externo e mundo interno, e assim, para a possibilidade de emergência de um espaço potencial onde o símbolo possa surgir.

Os conceitos desenvolvidos por Wilfred Bion sobre continente e conteúdo, função alfa e capacidade de *reverie* revelam o caráter intersubjetivo da constituição dos símbolos. O conceito de função alfa corresponde à atividade psíquica de transformação das experiências emocionais e sensoriais em símbolos e linguagem. Constitui-se a partir do processo de identificação projetiva normal que ocorre na relação mãe-bebê, quando esta é capaz de aceitar a projeção de estados emocionais caóticos do bebê, metabolizá-los, significando-os e devolvendo-os de forma que possam ser manejáveis pelo bebê, a capacidade de *reverie*. A introjeção desta função materna permite a constituição da capacidade de simbolização das experiências externas e internas. A abstração, o pensamento verbal, o sonho e a diferenciação entre consciente e inconsciente são fatores da função alfa.

Estudos atuais da psicologia do desenvolvimento, através de D. Stern, C. Trevarthen, E. Bates e M. Tomasello, detalham as condições e categorias comportamentais observáveis que

caracterizam a díade mãe bebê nas experiências intersubjetivas iniciais. Estas pesquisas concluem que, desde as primeiras horas de vida, os bebês estão aptos ao comportamento social. A partir da teoria de uma “intersubjetividade inata”, Trevarthen propõe níveis progressivos de intersubjetividade e enfatiza a distinção entre um campo simbólico e um campo pré-simbólico, com formas de intersubjetividade distintas em cada campo.

Uma perspectiva sobre o simbolismo como produtor de significados e organizador da experiência é o fio condutor que orienta o desenvolvimento das idéias do presente trabalho e permite pensar na formação dos símbolos como fundamental para a produção de significados narrativos sobre nós mesmos e o mundo que nos rodeia.